

INFÂNCIAS PÓS-MODERNAS E O COTIDIANO DOS SUJEITOS INFANTIS NA CONTEMPORANEIDADE

752

Jaqueline Madruga Flesch¹ Viviane Castro Camozzato²

¹ Licenciada em Sociologia pela Universidade Paulista – UNIP. Especialista em Docência para o Ensino Superior pela mesma instituição. Formanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

fleschjaqueline@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. viviane-camozzato@uergs.edu.br

Este trabalho trata-se de um recorte do meu artigo apresentado como TCC no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Aqui, objetivo analisar parte das construções socioculturais da pós-modernidade que atuam sobre as infâncias do presente. Com isso, tenho como pretensão identificar alguns dos marcadores identitários dos sujeitos infantis contemporâneos e investigar as maneiras como organizam seus cotidianos. Para isso, contextualizo algumas forças atuantes no tempo presente. Após, me debruço sobre a construção identitária na contemporaneidade, principalmente sobre a construção identitária dos sujeitos infantis. As análises desenvolvidas tem como subsidio a vivência do estágio obrigatório em anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, trago algumas produções das crianças para pensar sobre a problemática.

Palavras-chave: Infância; Identidade; Pós-modernidade; Mídia; Consumo.

INTRODUÇÃO

A pós-modernidade se configura enquanto um tempo de mudanças e rupturas de perspectivas, onde há o desmoronamento da razão moderna universal e suas pretensões de verdade. Nesse cenário, as grandes ideologias e estruturas dominantes vão perdendo pouco a pouco a sua autoridade (COSTA, 2010). Configurações e padrões são derretidos, quebrando formas e transgredindo fronteiras (BAUMAN, 2001).

O estado líquido contemporâneo, num processo constante de dissolução de sólidos, produziu novas significações e, conseqüentemente, novos modos de ser e de viver. Nessa perspectiva, “ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (BAUMAN, 2001, p. 37).

No cenário pós-moderno, o eixo estruturador da vida se tornou o consumo (BORBA, 2005). Essa economia prospera através da não satisfação dos indivíduos, onde a garantia de desenvolvimento se dá através da infelicidade dos membros (BAUMAN, 2008). De acordo com Veiga-Neto (2007), o neoliberalismo e a lógica neoliberal vão se dedicar à formação do que ele chama de “bom consumidor” e, dessa forma, contribuirão para o consumo.

Assim sendo, na sociedade contemporânea há engrenagens que tentam garantir a manutenção dos comportamentos e subjetividades que favoreçam a ordem social. Nessa perspectiva, é preciso “[...] os indivíduos desejarem fazer o que o sistema precisa que eles façam para que ele possa se reproduzir” (BAUMAN, 2011, p. 154).

Sob a ótica do consumo, a cultura também se torna produto a ser mercantilizado, onde “o único valor existente é agora fixado pelo mercado” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 27). A indústria cultural garante que os interesses do grande capital cheguem até os indivíduos através de recursos midiáticos e publicitários. Dessa forma, a TV e outras mídias se configuram enquanto potentes construtoras de olhares, porém “é um olhar tele-guiado, tele-comandado, um olhar bem móvel” (PENA-VEJA *et al*, 2003, p. 122).

Ultrapassando o lazer, a televisão e outras mídias funcionam também como instituições educativas. Transmitem formas de ser e estar no mundo, onde ocorrem bombardeamentos contínuos que contribuem para a banalização e naturalização do controle (VEIGA-NETO, 2007). Corroborando com a discussão, hoje é possível pensarmos sobre o governo dos sujeitos através de mecanismos mais sutis. Mecanismos tais que não se utilizam apenas da repressão, mas também da estimulação (FOUCAULT, 2015).

Considerando essa conjuntura político-social e cultural, se debruçar sobre a construção identitária contemporânea é olhar igualmente essas marcas que caracterizam o presente. Os sujeitos pós-modernos constroem-se em meio à liquidez social, se tornando objetos no mar do consumo. Dessa forma, “são, ao mesmo tempo, promotores das mercadorias e as mercadorias que

promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores [...]” (BAUMAN, 2008, p. 13).

A construção subjetiva e identitária dos sujeitos infantis também ocorre sob atuação dessa conjuntura, onde sofrem pressão da sociedade de consumo desde a mais tenra infância (BAUMAN, 2008). Com a pós-modernidade, há novas significações atribuídas às crianças e as infâncias. Os sujeitos infantis, mergulhados na contemporaneidade, buscam inserir-se na cultura global e fazer parte do universo de consumidores. Nesse movimento, produzem-se afim a harmonizar-se com o mundo das imagens e do espetáculo (MOMO e COSTA, 2010).

Considerando o exposto, a problemática do trabalho se dá em torno das infâncias no mundo contemporâneo. Dessa forma, objetivo analisar parte das construções socioculturais que atuam sob as infâncias da atualidade. Com isso, pretendo identificar alguns dos marcadores identitários dos sujeitos infantis pós-modernos e investigar as maneiras como organizam seus cotidianos. Justifico meu trabalho através da perspectiva de que todo educador deve ser também um diagnosticador do tempo presente.

METODOLOGIA

Essa escrita traz um recorte do meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Nele, contextualizo alguns marcadores da pós-modernidade, penso a respeito dessas marcas sobre as infâncias e, principalmente sobre as infâncias do meu estágio curricular em anos iniciais. O estágio mencionado conduz a pesquisa, pois teve como temáticas as infâncias e as multiplicidades de ser criança. Além disso, o mesmo estimulou o protagonismo dos sujeitos infantis na análise das infâncias ali presentes.

A prática do estágio foi realizada em uma turma de 2º ano do ensino fundamental em uma escola periférica da cidade de Bagé-RS. O desenvolvimento do projeto se deu em 16 dias letivos, havendo momentos

anteriores de observação da turma e da instituição. Para dar substancialidade às análises no trabalho, me utilizo de materialidades produzidas pelas crianças ao longo dessa vivência pedagógica. Aqui, destaco as listas e os móveis que foram produções acerca dos seus cotidianos infantis. Realizo então, uma análise reflexiva com viés qualitativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento, dedico-me a pensar essas marcas socioculturais da pós-modernidade na concretude das infâncias atravessadas pelo projeto de estágio. Considero que o cotidiano produz o indivíduo, por isso enfoco o dia a dia desses sujeitos infantis. Para olhar com maior profundidade as vivências das crianças participantes, trago as listas e os móveis como materialidades que mostram elementos dos seus cotidianos. Neles, as crianças explicitam através da escrita (lista) e do desenho (móvil) suas manhãs, tardes e noites.

Foram selecionadas duas listas e dois móveis que contivessem substâncias importantes na caracterização dos cotidianos da turma, ou seja, materialidades que trouxessem similaridades com as construções dos demais alunos e alunas. Observando esses materiais, é possível encontrar vivências marcadas por brincades, pela escola, família e amigos, desenhos animados, novelas infantis e pelas mídias online. Isso nos mostra que as infâncias pós-modernas são construídas na ambivalência (MOMO e COSTA, 2010).

As construções das crianças enfatizaram a presença das telas, o que abrangue a TV, o celular, o computador e o tablet. Nas listas e também nos móveis foram evidentes as presenças de desenhos animados, novelas infantis e jogos virtuais. Essas crianças se mostram imersas na cultura digital, experienciando uma vida conectada, ou então, uma cibervida como traz Bauman (2008).

Através das materialidades produzidas, vejo a força da mídia televisiva e digital no contexto estudado. Essas instituições, se assim podemos chamá-las, atuam sobre as infâncias difundindo modelos e referências (BORBA, 2005).

São produtoras de subjetividade operando socioculturalmente como professoras (DO Ó e COSTA, 2007). Nesse enquadramento, as crianças frequentemente encontram-se em “estado de televisão”, caracterizado pela fala contínua a respeito de programas televisivos, personagens, músicas e danças atuais, etc. (MOMO e COSTA, 2010).

Através desse recorte, encontramos crianças que se constroem por meio de cotidianos marcados pelas mídias e publicidades. À vista disso, produzem significações e interpretações sobre o mundo e sobre si mediadas por essas estruturas (BORBA, 2015). Conforme Bauman (2008), “os bens de consumo dificilmente são neutros em relação à identidade; tendem a vir com o selo identidade incluída” [...].” (p. 143). Nessa perspectiva, os sujeitos infantis também fazem parte desses jogos identitários quando adentram a sociedade capitalista de consumo.

CONCLUSÃO

A construção dos sujeitos infantis contemporâneos se dá por intermédio da sociedade capitalista e as engrenagens que a movimentam. As crianças pós-modernas estão conectadas à pós-modernidade e suas significações. Diversos artefatos culturais da contemporaneidade atuam diretamente no cotidiano dos sujeitos infantis aqui analisados e, por terem uma ação macro, possivelmente atuam em cotidianos de demais crianças.

Esse cenário acarreta em fabricações de si permeadas pela ambivalência e efemeridade advindas das referências fluidas. As vidas conectadas às mídias televisivas e digitais influem sobre o comportamento, a construção de interesses e a experimentação e manifestação do corpo. Nesse movimento, a subjetividade imerge nas forças contemporâneas.

Através das materialidades é possível ver elementos característicos das forças do presente, mas, além disso, encontram-se permanências. Vivências infantis permeadas pela escola, família, brincadeiras lúdicas e pelas amizades. Nesses cotidianos, encontramos muito mais que tecnologias. Vemos crianças

se construindo no cenário pós-moderno numa ambivalência que permite espaço para o “velho” e o “novo”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BORBA, A. M. Infâncias e cultura nos tempos contemporâneos: um contexto de múltiplas relações. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005.

COSTA, M. V. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do século XXI. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MOMO, M.; COSTA, M. V. Crianças escolares do século XXI: Para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 965-991, set./dez. 2010.

PENA-VEJA, A; ALMEIDA, C. R. S. de; PETRAGLIA, I. (Orgs.). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VARGAS LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, M. V. (Org.). **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.